

PRAZERES INSUBMISSOS: O FETICHE COMO ATO CONTRACOLONIAL

ENZO STORCH CHARNAUD¹; FERNANDA IRIGOIN DA SILVA²; RUBIA ELOIZA ZWIRTES³; HUDSON W. DE CARVALHO⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – enzostorchcharnaud@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – fernandairigin@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – rubiazwirtes@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – hdsncarvalho@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O capitalismo farmacopornográfico constitui um regime biopolítico singular, cuja produção não se restringe a objetos, mas opera principalmente através da fabricação de corpos vivos, órgãos, subjetividades, signos, desejos e, como não poderia deixar de ser, normas e suas violentas formas de coação. Para decifrar a arquitetura desse sistema recorremos a Paul B. Preciado que, em *Testo Junkie* (2023), define a contemporaneidade como uma era farmacopornográfica. Nela, o corpo e a sexualidade são instrumentalizados por meio de um complexo tecnopolítico composto pela farmacologia industrial e pelos dispositivos midiático-pornográficos, os quais se tornaram o eixo central dos meios de produção e reprodução da vida em sociedade.

Esse processo farmacopornográfico que regula tanto corpos coletivos como individuais, agencia a subjetividade a partir da defesa ideológica de que o corpo humano é um artefato da natureza e, exatamente por ser natureza, ele se apresenta como (hetero)sexuado, gendrado e judaico-cristão. Preciado nos mostra em *Manifesto Contrassetual* (2015) que o regime de verdade sobre o sexo não existe fora desse sistema de tecnologias biopolíticas, que é, em sua gênese, um produto de um sistema heterocentrado que coloniza o desejo e prescreve formas aceitáveis de acesso ao prazer.

Contudo, é precisamente neste ponto de máxima captura que surge uma potência de irrupção: o fetiche. Embora tradicionalmente amarrado às noções de excentricidade ou sintoma em diversas ciências como a psicologia em sua vertente hegemônica (aquele que se autodenomina como “baseada em evidência”), propomos aqui um deslocamento do fetiche do registro exótico/patologo para um político. Trata-se de entendê-lo como uma prática contrassetual, isto é; um ato de apropriação e desvio criativo das próprias tecnologias farmacopornográficas como linhas de fuga ao sistema heterocentrado e alguns de seus pilares: o sexo como ato de encontros genitais atrelados, idealmente, à lógica romântica e reprodutiva. Sob essa perspectiva, o fetiche transcende a ideia de um gozo idiossincrático e se revela como uma potente prática contracolonial que desestabiliza a própria noção do que entendemos como sexo. Seguindo a reflexão de pensadores como Nego Bispo em *A terra dá a terra quer* (2023), entendemos que o fetiche, quando vivenciado em sua radicalidade, pode operar uma desobediência epistêmica ao desorganizar a gramática do desejo imposta pelo colonialismo, abrindo brechas

para a reinvenção do prazer e do corpo para além dos binômios de natureza e cultura, normal e patológico. O fetiche, assim, torna-se um arsenal para a descolonização do corpo e do imaginário. Dessa forma, nosso objetivo consistiu em cartografar um percurso de entendimento que situa a prática de fetiches como um ato contrassexual.

2. METODOLOGIA

A presente investigação é agenciada por uma lógica processual, subsidiada por um tripleno teórico-metodológico convergente: as propostas de Donna Haraway sobre saberes localizados (2009) e fabulação especulativa (2023) articulam-se com o método cartográfico (Prado Filho; Teti, 2013). Esta tríade opera de modo sinérgico, conformando uma base a partir da qual os saberes são situados e desde sempre em permanente devir.

O objeto desta pesquisa é entender como vivências atravessadas por práticas de fetiche pode produzir formas mais autênticas de viver o sexo e a sexualidade. Assim, não há como identificar fetiche como uma categoria abstrata ou um recorte da realidade. Partimos da premissa que “estudar o fetiche” que pessoas pesquisadoras e aspecto pesquisado estão imbricados no mesmo tecido social e desejante. Por isso, o processo é uma experimentação ativa, uma exploração vivencial e, em última instância, uma prática cartográfica na qual o caminho que percorremos forma a rede de sentidos em que nos descobrimos.

Suely Rolnik (2006) nos demonstra que toda cartografia é uma modalidade de texto autobiográfico que deflagra o modo como nossos corpos são singularmente atravessados pelas forças estruturantes da sociedade e pelo horizonte simbólico que compõem o próprio território que buscamos mapear. O “auto” é o ponto de vista singular a partir do qual o mundo é percebido e narrado, um ponto de vista que é sempre constituído por aquilo que o atravessa.

A cartografia deve ser entendida como um processo constante e aberto, que abdica da pretensão de alcançar metas rigidamente pré-fixadas ou resultados estáticos e definitivos, conforme apresentado por Passos e Barros (2009) em *Pistas do Método da Cartografia*. A cartografia é uma navegação que interfere na paisagem, não há como separar o gesto de conhecer do gesto de intervir.

À medida que mapeamos as intensidades, afetos e linhas de força que compõem um campo (o fetiche), nossas percepções se modificam e nossos objetivos são constantemente reavaliados. O pesquisador-cartógrafo é, assim, um participante ativo que se transforma *com e no* processo, num movimento contínuo de coprodução de saberes e mundos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partimos da definição de que a contrassexualidade opera como uma contradisciplina: um conjunto de práticas que visa desestabilizar e desmontar a noção moderna/colonial de corpo, sexo e sexualidade. Seu gesto político central é a desvinculação radical da estrutura simbólica hegemônica (heterossexual,

romântica, reprodutiva, genitalizada e rigidamente gendrada/binária) imposta pela matriz colonial como uma monocultura universal. Neste horizonte teórico, que é também um horizonte ético, o corpo é compreendido como ciborgue e o sexo é decifrado não como uma verdade biológica, mas como uma tecnologia inscrita na história, passível de ser *hackeada*, reprogramada e reinventada.

Para traçar esse caminho, iniciamos com uma leitura situada e comprometida do *Manifesto Contrassetual* de Paul B. Preciado (2015). Esta leitura nos permitiu articular a contrassetualidade como a resultante de um conjunto de escrevivências de corpos dissidentes do sistema sexo-gênero. São essas experiências que desestabilizam o arsenal colonial, o qual sistematicamente patologizou, criminalizou e invalidou práticas corporais que escapavam à lógica heterossexual. A contrassetualidade, portanto, desloca essas práticas para um espaço-tempo outro, um devir onde os corpos deixam de ser capturados por binômios obrigatórios (macho/fêmea, ativo/passivo, pênis/vagina) para se tornarem corpos falantes que se encontram em uma consensualidade radical. Neste encontro, estabelece-se um contrato que abdica, de forma explícita e intencional, de qualquer privilégio relacionado a gênero, papel sexual ou status social ou reprodutivo.

Esta fundamentação teórica nos levou a operacionalizar nossa pesquisa como uma experimentação prática, material e coletiva. O entendimento do fetiche como ato contrassetual apoiou-se, até o momento, em mais outras duas atividades. A primeira foi uma aproximação com artefatos tecnológicos de desestabilização fálica e a segunda foi uma análise filmica.

Realizamos um momento analítico com quatro artefatos tecnológicos do fetiche: um dílido de borracha (20cm x 16cm) com uma base de fixação, uma bomba de vácuo peniana, um dílido inflável para dilatação anal e um plug anal de rabo de raposa para utilização em práticas de *petplay*. Essa atividade consistiu em uma arqueologia tecnosexual, em que investigamos a história da criação, comercialização e usos desses acessórios. Este exercício tornou palpável a estrutura prostética do sexo e a condição ciborgue de nossos corpos, demonstrando que o desejo, o corpo e o sexo é sempre mediado por tecnologias.

A Análise Fílmica consistiu em assistimos e debatemos o filme *Hustler White* (1996), de Bruce LaBruce. A obra funciona como um manifesto visual que ficcionaliza uma estética pós-pornográfica anarcoqueer, inserindo-se no movimento mais amplo do norte global chamado de *queercore*. A análise do filme serviu para historicizar e contextualizar nossas experimentações, evidenciando que a exploração de fetiches a partir de perspectivas radicais e revolucionárias não é um fenômeno novo, mas sim uma tradição de resistência com uma linhagem histórica específica. *Hustler White* opera como uma prova de conceito, mostrando a materialidade de corpos falantes negociando desejo e sobrevivência em um espaço-tempo contracolonial dentro do território inimigo, isto é: dentro do centro do capitalismo estadunidense.

A cartografia que aqui se esboça evidencia que o fetiche, enquanto prática contrassetual, é uma tecnologia de reencantamento do corpo e de reinvenção do

prazer, constituindo uma poderosa ferramenta de descolonização do desejo não somente em corpos individuais, mas a partir de movimento de sociais, como o *queercore*.

4. CONCLUSÕES

A cartografia aqui empreendida delineia-se como um exercício de deslocamento do pensamento. O fetiche, longe de sua patologização clínica ou de sua trivialização comercial, emerge nesta investigação como uma tecnologia política de reinvenção do corpo, um gesto contrassexual que opera na desconexão ativa dos regimes de verdade que naturalizam o desejo. Através da imersão teórica em Preciado e da experimentação prática com artefatos e narrativas filmicas, foi possível vislumbrar o potencial caráter contracolonial dessas práticas, que abrem frestas para a experiência de uma corporeidade não binária, prostética e ciborgue.

Dessa forma, o trajeto percorrido até aqui não se encerra, mas antes, expande-se em novas linhas de fuga e questionamento. A leitura situada, o manejo dos artefatos e o diálogo com a estética *queercore* de Bruce LaBruce mostram-se como pontos de um rizoma para uma contínua interrogação sobre como os corpos podem, através do fetiche, escrever suas próprias normas e negociar, de forma consensual e radical, os termos de seus prazeres. Esta pesquisa, portanto, configura-se como um mapa inicial e desde sempre inacabado de um território em constante devir, onde a própria prática de cartografar já é o gesto de intervenção e de invenção de um novo real.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HARAWAY, D. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthluceno.** Tradução de Ana Luiza Braga. São Paulo: N-1 Edições, 2023.
- HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 5, p. 7–41, 2009.
- HUSTLER White. Direção de Bruce LaBruce; Rick Castro. Canadá / Alemanha: CFMDC / Rosa von Praunheim Filmproduktion, 1996.
- PASSOS, E.; BARROS, R.B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2009, Cap.1, p.17-31.
- PRADO FILHO, K.; TETI, M.M. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Barbaroi**, Santa Cruz do Sul , n. 38, p. 45-49, jun. 2013 .
- PRECIADO, P.B. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual.** Trad. Marie-Hélène Bourcier. São Paulo: N-1 Edições, 2015.
- PRECIADO, P.B. **Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica.** Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: Zahar, 2023.
- ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** Porto Alegre: Sulina, 2011.
- SANTOS, A.B. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora / Piseagrama, 2023.